Aula 2

COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS BÁSICAS

META

Explanar o processo aquisicional da linguagem, como o ser humano adentra no mundo. Expor o surgimento da escrita na humanidade e a sua função na vida do ser humano.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar como ocorre a aquisição da linguagem falada; reconhecer as fases do surgimento da escrita, discernindo cada uma delas; perceber as dificuldades por que passam os(as) alfabetizandos(as) ao serem expostos(as) ao sistema escrito do português.

PRERREQUISITOS

Para a compreensão ideal desta aula, assim como das demais, é imprescindível ter noções linguísticas básicas, tais como os conceitos de língua e linguagem. Além disso, é importante que o(a) estudante já tenha estudado Linguística.

É impossível fugirmos de um mundo letrado, pois a escrita está por toda a parte. Mas não escrevemos desde o nosso nascimento, ao contrário da fala, à qual somos submetidos desde então.
(Fonte: http://static.hsw.com.br).

INTRODUÇÃO

Na presente aula, daremos mais um passo em busca da construção do seu conhecimento em relação à linguagem (falada e escrita). Inicialmente, à luz da Psicolinguística, observamos como o ser humano adquire a linguagem. Esta, por seu turno, é um reflexo do grupo social em que o indivíduo vive e com o qual interage. Nesse caminho, apresentamos três teóricos. Em relação à linguagem falada, introduzimos o pensamento de Albano (1990), importante linguista nessa área, refletindo como o ser humano adentra no mundo. Com Cagliari (2001) e Kato (2003), por sua vez, procedemos a uma breve abordagem sobre o surgimento da escrita. A partir de tais reflexões, estamos preparando você para as discussões acerca de como alfabetizar letrando.

Segundo Cagliari (2001), a história da escrita é vista sob a perspectiva de três fases, quais sejam: pictórica, a ideográfica e a alfabética. A fase alfabética consiste no uso de letras, que perderam o valor ideográfico (fase ideográfica), assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica.
(Fonte: http://catracalivre.folha.uol.com.br).

OUVIR/FALAR

Segundo as concepções de linguagem estudadas na aula 01 deste curso, observamos que, há muito tempo, se discute como o ser humano começou a falar e, consequentemente, qual a natureza da língua. Como registrado anteriormente, para cada concepção defendida, há uma determinada abordagem de língua. Além disso, como estamos lidando com um objeto de estudo cujas investigações, apesar de serem remotas, são bastante recorrentes, estamos sempre expostos a ele. Ou seja, é impossível fugirmos de um mundo letrado. A escrita está em toda parte! Mas não escrevemos desde o nosso nascimento, ao contrário da fala, à qual somos submetidos desde então. Vejamos, então, o que alguns teóricos têm a nos dizer sobre isso.

Para a Psicolinguística, à luz de Kato (2003), a linguagem é a capacidade que o ser humano tem de se comunicar através de uma **língua natural**. Isso significa que o indivíduo adquire a linguagem através de uma ou mais línguas naturais, dependendo de sua capacidade em interagir como falante e à medida que é colocado em contato com outros falantes dessas línguas. Descobriu-se que crianças, quando retiradas do meio social (as chamadas crianças-lobo), não conseguem adquirir a língua natural por não estabelecerem interação com o meio. Foi a partir do descobrimento de Gennie (criança-lobo, encontrada na Califórnia) que os psicolinguistas puderam afirmar que há uma idade crítica, depois da qual o indivíduo não pode naturalmente adquirir a língua.

Sugerimos-lhe que assista ao filme *O Enigma de Kaspar Hauser* **para entender melhor as questões referentes à criança-lobo.**

Como abordado anteriormente, a linguagem do indivíduo é um reflexo do grupo social em que vive e com o qual interage. Para Albano (1990, p. 20), "[...] chega-se à linguagem tocando a fala de ouvido (...). Tocar de ouvido significa, pois, confeccionar um símbolo com recursos concretos ou quase concretos." Essa estudiosa afirma ainda que, no caso de um vocabulário inicial se desenvolver viso-manualmente, a "fala" pode ser substituída por "gesto significativo", ficando a sensomotricidade linguística entendida nos mesmos termos. Nesse contexto, ultrapassa a "normalidade" discutida por alguns teóricos e a acima mencionada. Isso é válido quando tratamos, principalmente, de indivíduos que apresentam problemas auditivos.

A autora defende também que o indivíduo é o sujeito do seu conhecimento, ao mesmo tempo em que aponta para a existência de uma auto-organização linguística, o que limita o papel da subjetividade. E acrescenta que há quatro condições para o desenvolvimento da linguagem. São elas:

1. o interesse subjetivo por ela, ou seja, a disposição de brincar com as condutas que a aproximam;

Língua natural

A noção de língua natural opõe-se à de língua artificial. Esta, por sua vez, não é falada por nenhuma comunidade de fala. Neste caso, podemos exemplificar a língua esperanto. Esta foi criada para ser utilizada internacionalmente, mas não existe nenhuma comunidade de fala dessa língua. Observe o verbete esperanto em Houaiss eletrônico (2009): substantivo masculino, língua artificial criada pelo médico e estudioso de línguas polonês Ludwig Lazar Zamenhof (1859-1917), por volta de 1887, para ser língua de comunicação internacional [Possui gramática muito simples e regular e utiliza as raízes das línguas europeias mais faladas, além de raízes latinas e gregas.

2. a existência de um sistema sensoriomotor que permite a brincadeira;
3. a inserção no meio onde a linguagem faça parte da rotina;
4. a presença de uma língua.

E resume tal teoria da seguinte forma: "Em suma, toca-se a fala de ouvido, pondo-se o sistema da vocalização – audição, já familiar, a serviço das primeiras explorações do símbolo." (ALBANO, 1990, p. 41) Nesse sentido, o ser humano adentra no mundo a partir da audição ou visão e da fala ou gestos.

Com as primeiras competências, constrói significados, formula hipóteses sobre o que significa um enunciado, enquanto o está ouvindo/vendo; desenvolve estratégias: conhecimentos linguísticos, conhecimento de mundo, numa constante tentativa de formular uma representação interna. É preciso, portanto, recorrer a muitos níveis de conhecimento e habilidades na trajetória aparentemente simples e fácil de ouvir e entender.

Constatamos, assim, a importância do falar e do ouvir, na medida em que tais competências contribuem para a construção da leitura de mundo, imprescindível para a construção do(a) educando(a) como sujeito do processo de educação.

A ESCRITA NO MUNDO

Como anteriormente mencionado, a comunicação, de maneira geral, é uma necessidade natural dos seres humanos, pois é através dela que expressamos nossas ideias dentro do grupo social no qual estamos inseridos. O intercâmbio de ideias nos permite um conhecimento mais amplo da realidade que nos cerca. Com a comunicação escrita ocorre o mesmo processo. Por este curso estar voltado para o ensino/aprendizagem da linguagem escrita, é de suma importância que façamos uma breve abordagem sobre o surgimento dela e a sua função na vida do ser humano, uma vez que a escrita se tornou um instrumento de comunicação universal e, por isso, indispensável ao desenvolvimento e progresso humano.

Sob uma perspectiva psicolinguística, Mary Kato (2003), ao trabalhar com a natureza da linguagem e suas implicações, parte da premissa de sua real função na vida do indivíduo. Nesse mesmo caminho, propõe um olhar sobre a história da escrita. Esta se manifestou na Pré-História, através de desenhos (posteriormente representação da arte) e de pictogramas, que a princípio não possuíam relação direta com a fala, mas que gradativamente passaram a representá-la. Nessa perspectiva, o desenvolvimento da escrita evidencia de fato a necessidade de o ser humano se expressar pelos caminhos mais

diversificados possíveis, com o propósito de pôr em prática suas aspirações no meio ao qual pertence.

É importante sabermos que o momento mais relevante no progresso da escrita para sua composição atual (como a conhecemos hoje) circunda a noção da palavra, da sílaba e do som para a obtenção da escrita alfabética (século X a.C). Foi nesse tipo de escrita que os gregos inseriram a vogal após a consoante, passando da escrita silábica para a escrita alfabética (inclusão das vogais, até então inexistentes). A escrita alfabética é, dessa forma, considerada uma descoberta, "[...] pois, quando o homem começou a usar um símbolo para cada som, ele apenas operou conscientemente com o seu conhecimento da organização fonológica de sua língua" (KATO, 2003, p.16). No entanto, apesar de tentar representar a fala, a escrita alfabética não é genuinamente fonética, isto é, não identifica fielmente os sons da fala. Ela obedece a uma convenção ortográfica.

Cagliari (2001), por seu turno, desprezando a ordem cronológica, argumenta que a história da escrita é vista sob a perspectiva de três fases, quais sejam: a pictórica, a ideográfica e a alfabética. Eis cada uma das fases abaixo explicitadas:

1. Fase pictórica – escrita através de desenhos ou pictogramas (inscrições antigas). Exemplos: cantos Ojibwa da América do Norte, escrita asteca, história em quadrinhos. Pictogramas não são associados a um som, mas à imagem do que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade.
2. Fase ideográfica – escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas. Esses desenhos foram, ao longo de sua evolução, perdendo alguns dos traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se uma simples convenção da escrita. Escritas ideográficas mais importantes: egípcia (hieroglífica), mesopotâmica (suméria), as escritas do mar Egeu (cretense) e chinesa/japonesa.
3. Fase alfabética – uso de letras (originadas dos ideogramas), perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética. A escrita alfabética apresenta um inventário menor de símbolos e permite a maior possibilidade combinatória de caracteres na escrita.

História do alfabeto.

História da Escrita

Cagliari (2001) ainda faz algumas observações sobre a escrita no mundo. Primeiramente, é importante registrar que a escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. Dessa forma, a partir da descoberta da escrita, a memória coletiva dos povos passou a ter outros meios de materialização. Além disso, também é importante salientar que nem todos escrevem da esquerda para a direita e de cima para baixo, como nós, embora este seja um modo muito comum entre os sistemas de escrita.

No que diz respeito à escrita da língua portuguesa, apesar de ser fundamentalmente alfabética, tendo como base a letra, verificamos que não há uma harmonia perfeita entre os sons da fala e os símbolos ortográficos. A relação entre as letras e os sons da fala é muito complicada, pois a escrita não é espelho da fala. É possível ler o que está escrito de diversas maneiras. Há recursos especiais na escrita: duas letras para representar um som; letras que não têm som algum na fala, mas estão presentes na escrita; uma mesma letra pode estar relacionada com diferentes segmentos fonéticos; um mesmo segmento fonético pode ser representado por diferentes letras. Nesse sentido, ela é basicamente fonêmica (Estudo dos fonemas sob o aspecto fonético) e parcialmente ideográfica. Isso porque, quando escrevemos em português, usamos letras, sinais diacríticos (acentos agudo, grave, circunflexo, til). Além desses, utilizamos os sinais de pontuação, muitas vezes, extremamente importantes em relação à produção do sentido.

CONCLUSÃO

Destarte, é importante estarmos atentos para as dificuldades por que os(as) nossos(as) alfabetizandos(as) irão passar quando forem expostos(as) à escrita do português. Daí a necessidade de "uma dose" de paciência no processo de alfabetização. Isso porque, como observamos, na medida em que a criança/o adulto aprende a escrever, ela/ele está resgatando, de certa forma, todo o processo de construção de escrita no mundo. Com efeito, não podemos ignorar esse fato, mas compreendê-lo, relacioná-lo e, principalmente, saber situar em que fase de construção da escrita a criança/o adulto se encontra.

RESUMO

nesta aula, nós fizemos um percurso em relação à aquisição da linguagem, desde o ouvir/falar até como a escrita foi descoberta pela humanidade. Finalmente, observamos a escrita do português, que é considerada fundamentalmente alfabética, mas vimos que, ao escrevermos em português, laçamos mão de uma escrita ideográfica também. Disso decorre a necessidade

de desenvolvimento de habilidades nos(as) nossos(as) alfabetizandos(as), durante o processo de alfabetização. Tal abordagem, por sua vez, é de extrema importância para a construção do conhecimento de vocês, enquanto futuros(as) alfabetizadores(as).

ATIVIDADES

1. Como o indivíduo adquire a linguagem?
2. Quais as condições consideradas básicas para o desenvolvimento da linguagem, segundo Albano (1990)?
3. Qual a importância das primeiras competências (ouvir/falar) para a compreensão da linguagem, a construção do conhecimento?
4. Como surgiu a escrita na humanidade?
5. Por que a escrita alfabética é considerada uma descoberta?
6. Elenque as fases da escrita na humanidade, segundo a abordagem que Cagliari (2001) faz.
7. O que dizer da escrita em língua portuguesa?

AUTOAVALIAÇÃO

1. Que competências comunicativas são necessárias para o ser humano adentrar no mundo?
2. Qual a importância do conhecimento acerca da história da escrita no mundo para se alfabetizarem crianças/adultos?

PRÓXIMA AULA

Discutiremos sobre as diferenças entre a fala e a escrita, observando as dificuldades inerentes ao processo de alfabetização, haja vista a existência das diversas escritas no mundo.

REFERÊNCIAS

ALBANO, E. C. **Da fala à linguagem tocando de ouvido**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2001.
HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda., 2009.
KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2003.